

Homilia na solenidade de Nossa Senhora Aparecida

Saudações.

Expresso a minha alegria por poder celebrar com brasileiros em Roma, em comunhão com aquelas pessoas que amamos em nosso país.

Aparecida, um milagre acontecido há mais de 300 anos, mas com consequências sempre atuais para a nossa vida pessoal e a vida do nosso país.

As leituras da liturgia de hoje nos ajudam a atualizar a mensagem de Aparecida, no contexto em que estamos inseridos.

Somos de alguma forma devedores de uma mentalidade secularizada onde tudo parece depender exclusivamente de nós. Porém, as coisas não são assim. O pedido da rainha Ester, a sua oração, coloca o seu povo diante de outras possibilidades, ao responder ao rei dizendo: “Se ganhei as tuas boas graças, ó rei, e se for de teu agrado, concede-me a vida - eis o meu pedido! - e a vida do meu povo - eis o meu desejo!”.

Lembramo-nos bem do contexto de sofrimento e opressão em que se deu esta súplica. E a oração de Ester, abriu um novo horizonte para a sua geração. A oração abre o espaço para Deus e sua ação misericordiosa.

Maria, mais do que ninguém ganhou as graças de Deus, por isso, mais do que ninguém é Ela a “mulher” (como Jesus a chama no Evangelho de João), capaz de ajudar todo ser humano nas suas necessidades.

Essa realidade nos faz perguntar: diante dos desafios que temos que enfrentar, qual é o primeiro recurso que utilizamos?

O Evangelho põe em destaque, naquela festa de casamento uma presença. Curioso, porque normalmente, num casamento, estão em evidência outros personagens: os noivos! Aqui não: fala-se da presença de Maria e, a seguir, se diz que Jesus foi convidado, juntamente com os seus discípulos. A presença de Maria e de Jesus parece ser a notícia mais importante daquele casamento.

A presença de Maria no meio dos discípulos não é protocolar, mas uma presença ativa que, resumidamente, salva a festa de casamento. Diante da necessidade que se apresenta, a Mãe de Jesus reage, não fica indiferente. E essa reação é sempre motivo de aprendizado para nós. Celebramos hoje essa presença sua, mas também somos provocados, por Ela, a sermos presença de esperança nas dores e nas alegrias dos pequenos, dos pobres, dos pecadores, dos trabalhadores (as), dos que se dedicam à construção de uma sociedade nova, onde todos, de fato, vivam como irmãos e irmãs.

Quando não se tem saída há sempre lugar para as “surpresas de Deus”, como gosta de nos lembrar o Papa Francisco. E uma vez que Ele está presente, algo novo pode acontecer.

Conhecemos bem a história da necessidade daqueles três pescadores naqueles dias da primeira quinzena de outubro de 1717. Certamente, diante da aflição porque passavam, fizeram aquilo que São Bernardo aconselha: “olharam para a estrela e invocaram Maria”.

Obtiveram a desejada abundância de peixes, mas ganharam mais do que podiam imaginar. Não ganharam só eles, mas a inteira nação brasileira ganhou com eles; e, de alguma forma, tornaram-se, também eles, pescadores de homens.

Hoje a pequena imagem de Aparecida é um sinal humilde que se levanta em terras brasileiras e atrai a todos para Cristo.

A solução de Maria, diante das necessidades, é apontar uma direção segura: *“façam tudo o que meu filho lhes disser”*.

Em um mundo de tantos gritos que ensurdecem e dividem as pessoas, o silêncio de Maria aponta um caminho, uma saída: *“escutem o meu Filho”*.

A Igreja no Brasil tem se debruçado, nas últimas Diretrizes, sobre a reflexão e a experiência de comunidades eclesiais missionárias que se baseiem no pilar da Palavra (escuta). O Sínodo que estamos vivendo traz um apelo Mariano para a Igreja de “escuta”.

A escuta dos servos, nas Bodas de Cana, tornou possível a novidade da água transformada em vinho.

Certamente, neste momento delicado da história da Igreja, do Brasil e do mundo, Deus nos deseja falar e nos indica a via mariana do silêncio capaz de escutar e permitir assim a Ele, inaugurar o novo na nossa história.

Escuta da Palavra de Deus certamente, mas uma escuta que se dilata também para os fatos da história e para a experiência concreta do dia a dia. Aqueles servos encheram as talhas de água, era o que tinham, era o que Deus simplesmente lhes pedia. Deus faz, mas quer que nós também façamos a nossa parte. O milagre da transformação não acontece sem a nossa colaboração, que só pode ser eficaz se for fruto de uma escuta.

Oração confiante, abertura e escuta da Palavra, fazer o que se tem que fazer tornam-se, assim, condição para que a nossa água se transforme no bom vinho de Deus. Estamos sempre na expectativa do vinho melhor, que é o amor de Deus nos corações, única realidade capaz de transformar tudo.

Confiemos à Senhora Aparecida nossas necessidades: também nós, tantas vezes estamos sem vinho. E no silêncio e na oração, aprendamos, com Maria, a fazer o que devemos para obtermos o melhor vinho, aquele que traz a alegria no coração da festa da vida.

Roma, 12 de outubro de 2022

D. Gilson Andrade da Silva
Bispo de Nova Iguaçu